



Na Mídia

14/02/2024 | [Valor Econômico](#)

Grandes bancas passam a investir em inteligência artificial

Escritórios já usam robôs e investem no desenvolvimento de chatbots próprios



Tito Andrade: "Tema tem estado na ordem de prioridade do escritório" — Foto: Divulgação

Uso de robôs, investimento no desenvolvimento de chatbot próprio, criação de concurso de inovação no escritório. As bancas de advocacia já começaram a se movimentar para usar a inteligência artificial (IA) nas suas atividades. Desde dezembro, o Machado Meyer Advogados, por exemplo, adotou o "Microsoft Azure OpenAI Service" para

desenvolver uma ferramenta de IA para auxiliar o escritório em quatro demandas principais: traduções, revisões, resumos e pesquisas.

“Temos olhado a IA com muito cuidado, desde 2017, e o tema tem estado na ordem de prioridade do escritório”, diz Tito Andrade, CEO da banca. “Por meio do uso da IA, queremos ganhar eficiência, ter dados melhores e, consequentemente, uma produção de conteúdo de mais qualidade para os nossos clientes”, acrescenta.

Um outro produto da Microsoft foi implementado pelo Demarest Advogados. Também em dezembro a banca adotou o Copilot, que é uma ferramenta de conversação que pode gerar diversos conteúdos, com base em jurimetria, por exemplo, para otimizar processos judiciais, “mantendo o compromisso com a privacidade e a segurança de dados dos clientes”.

O objetivo é que os profissionais da banca possam dedicar mais tempo às estratégias e soluções jurídicas. Além disso, segundo Paulo Rocha, CEO do escritório, por lá está em fase final a implementação de um “ChatGPT privado”.

Robôs já fazem parte do cotidiano do BMA Advogados. Por enquanto, eles estão sendo aplicados no backoffice (área administrativa) do escritório para tarefas repetitivas. Porém, um time do BMA, diz o CEO Amir Bocayuva, já se debruça sobre um projeto-piloto de um robô de IA mais sofisticado, que atuará na elaboração de contratos, como os de fusões e aquisições, tanto na montagem dos termos como na sua evolução.

“Internamente não proibimos, mas treinamos as pessoas para não colocarem nos softwares informações de clientes que se permita identificar os casos”, diz. “E sempre exigimos checar as informações porque a IA pode inventar coisas também”, afirma.

Já no Mattos Filho, a aplicação da inteligência artificial ainda está no início. “Não estamos usando ainda chats de IA disponíveis no mercado, mas conversamos com consultorias para ter um chat próprio em breve”, diz o CEO Roberto Quiroga.

Sempre exigimos checar as informações porque a IA pode inventar coisas também

Amir Bocayuva

O Pinheiro Neto prefere esperar para ver quais serão as experiências das outras bancas. “Provavelmente, vamos comprar alguma ferramenta, em um ou dois anos, quando se chegar a um consenso sobre as melhores para uso pelos escritórios de advocacia. Aí faremos uma curadoria para selecionar o que melhor nos atenda”, afirma Fernando Meira, CEO da banca.

De acordo com ele, “o tamanho do escritório exige que a gente seja muito cuidadoso nessa seara”. Mas, segundo Meira, o Pinheiro Neto está sempre debatendo sobre IA com seus pares locais, além de escritórios estrangeiros e promove, internamente, um concurso de inovação “para incentivar essa mentalidade entre os profissionais”.

No TozziniFreire, o uso da IA é visto com parcimônia também. “Temos tomado todo o cuidado nos primeiros experimentos que temos feito”, diz Fernando Serec, CEO do escritório. “Mas a expectativa é promissora e a ideia é fazer com que tenhamos um trabalho de melhor qualidade com o uso da IA”, acrescenta.